

Vi uma foto de
Anna Akhmátova

Copyright©2009 Fernando Monteiro

FERNANDO MONTEIRO

Prefeito do Recife
João da Costa Bezerra Filho

Vice-Prefeito
Milton Coelho

Secretário de Cultura
Renato Braga Lins

Diretora Presidente da Fundação de Cultura Cidade do Recife
Luciana Maria Félix de Queiroz

Diretora Administrativo-Financeira
Sandra Simone dos Santos Bruno

Diretor de Desenvolvimento e Descentralização Cultural
Dida Maia

Gerente Operacional de Literatura e Editoração
Heloísa Arcoverde de Moraes

Gerente de Serviço de Editoração
Cristhiano Aguiar

Revisão
Karolina Ferreira

Projeto Gráfico
Germana Freire
Ilustração: Arquivo do autor

ISBN 978-85-7044-192-8

M772v Monteiro, Fernando
Vi uma foto de Anna Akhmátova / Fernando Monteiro. Recife: Fundação
de Cultura Cidade do Recife, 2009.
88p.
Inclui Imagem do Arquivo Pessoal de Fernando Monteiro.

1. Poesia Brasileira 2. Monteiro, Fernando
3. Anna Akhmátova I. Título.

CDU 821.134.3(81)-1

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
Fundação de Cultura Cidade do Recife
Cais do Apolo, 925 15º andar 50030-230 Recife PE
gole@recife.pe.gov.br
Telefones: 81 3232.2937 | 81 3232.2898
Impresso no Brasil - 2009

Vi uma foto de Anna Akhmátova

PREFEITURA DO RECIFE | SECRETARIA DE CULTURA
FUNDAÇÃO DE CULTURA CIDADE DO RECIFE
Recife, 2009

Overture



Agora é tarde

Lá onde se afoga
tudo que guardamos
num mar de abandono,
ali onde somem
– onde? –
as sombras do que fomos
no ontem e no anteontem
e mais para além, ainda,
do limbo do horizonte,
assoma uma semelhança
da nuvem de chuva
com o véu te ensombrando.

Longa, lenta, larga
no céu de outubro
a aparência de face
velada na memória
em dúvida:

Anna Akhmátova

será teu rosto no sono?
 Tua testa na nuvem?
 Teu nariz no mármore
 do branco plenilúnio
 – a Lua cedo dúbia
 sobre opalescentes muros –
 ó nome do dilúvio!
 Cai, e logo apaga
 fantasmas e sons,
 países e casas,
 lembranças e fatos
 borrados no lontano,
 fonte louçana
 de desmemória
 e fumos do inverno
 de cúmulos, colunas,
 colossos deitados
 que são como túmulos
 da morta Giovanna,
 dos mortos todos
 e da morte em tudo,
 monte na noite invernosa
 que não apaga a chama
 dentro da lava
 descida de Volcano
 sepultando Pompeias,
 Herculanos, Volterras
 voltando a ser o sonho
 de úmbrios nas tumbas
 sob a úmida turfa.

8|

Vi uma foto de

Vi uma foto de Anna Akhmátova,
 numa oferta de segunda mão
 em livraria de terceira
 fechando as portas também baratas
 em liquidação de quarta despedida
 dos leitores de páginas impressas
 à tinta das antigas tipografias
 condenadas aos museus,
 setor dos tipos móveis de Gutemberg
 que não mais importa.

Setembro se derramava lá fora,
 estação de sol sobre a fonte
 de águas espargidas em torno da lua
 de Vênus nativa molhando a ponta
 tímida de dedos de mármore.
 Pensei naqueles de Clarice criança,
 subindo e descendo escadas
 da casa entre movelarias e sebos,
 vinda da Ucrânia para o coração

Anna Akhmátova

|9

deste bairro de esquecidos
textos em hebraico e iídiche
de emigrantes deslocados.

Isso tudo para dizer que o livro
na minha mão, naquele momento,
entre outros escolhidos da cesta do alfarrabista,
era muito velho:
uma antologia de poetas russos
em papel cediço nas bordas do volume
de capa vermelha para poetas
comunistas e não comunistas
entre bandeiras, letras e martelos
e foices sob águias de cabeça dupla:

PÉROLAS DA POESIA RUSSA

na lombada desbotada de imitação dos caracteres
não latinos das línguas eslavas tão longe da praça
de bares anunciando promoção de aperitivos
e cerveja, em papelão garatujado
com pressa antiestética.

O que comprar?

As "Pérolas" ou as garrafas suadas,
louras da bebida gelada na tarde quente,
perto, muito perto do velho sobrado
dos Lispector?

Clarice vira aquela gárgula do prédio
de uma camisaria de pobres?
E se molhava da poeira de água da fonte
do centro da cidade onde viveu
a descoberta do mundo no Recife?
Clarice não podia ter saudade
de dois meses de vida em Tchetchelnik,
na Ucrânia de árvores nacaradas.

Eu tenho saudade de um livro de contos russos:
foi lido na extrema infância distante do centro,
na biblioteca afogada entre faixas de luzes
do sol entrando por postigos.
Havia fábulas alemãs e russas,
meio sonolentas debaixo da sombra
de amendoeiras em flor da Bessarábia
(essa palavra de areia e teia de tarântulas
presas no quintal esmagado dos Bukharin),
e eu tenho saudade de todos os livros de literatura
infantil, adulta e futura,
quando livros de literatura vão se tornando
dispensáveis para o percentual de adultos
que leem obras do gênero a caminho
de ser uma lembrança do passado coletivo
deixado para trás:
"A uma tal velocidade, essa modalidade de lazer
tende a desaparecer em meio século",
conforme se lê em <http://www.arts.gov>
[Fecha o parêntese estatístico entre endereços

eletrônicos sucintos e sinistros de indiferença
pela sorte dos livros de nenhuma ajuda
para si mesmos.]

Tais prognósticos, a praça dos bares,
o sebo sem ninguém, a antologia
e a foto submarina,
cinzenta do pó na página
iluminada de dentro
pela marca d'água imponderável
a derreter o fogo da imagem
nos olhos vindo de contemplar
"o luminoso dia e a vazia casa",
os versos lidos ao acaso,
tantos poetas mortos,
tudo fazia crer
que algo andou errado, muito errado,
profundamente errado
entre acordar e ter decidido
comprar um último livro.

Havia poetas ainda vivos
entre as pérolas desbotadas
dos curtos verbetes sem a data de morte
de velhos portanto sobreviventes,
de boina e cachecol
e ainda aprendendo com a perplexidade
de W. H. Auden:

"A poesia nos procura até os 25 anos.
Depois, nós é que temos que procurá-la."
O americano falava por si próprio
– disse o pai de Tarkovski,
o poeta eternamente jovem,
e eu tive que sussurrar ao seu ouvido
de surdo precoce:
"Auden é inglês, e não norte-americano",
o que não importava muito
para o poeta nascido no país
meio selvagem de Ezra,
ambos precocemente envelhecidos
na coragem de seguir respondendo
às perguntas da plateia rasa,
impávidos diante dos poucos interessados
em poemas de qualquer lugar do mundo
buscando utilidade para todas as coisas
e não encontrando nenhuma
para a poesia.

"Sim, eu não posso comer um poema,
porém posso perpetuar nele o gosto da torta
de amora da minha mãe morta",
foi o que respondeu o pai do cineasta
do talismã da Madonna do Parto,
um homem cercado de mortos
numa Rússia diferente até o irreconhecível,
eslavo se sentindo livre para dizer
coisas tanto tempo presas na garganta,

longe das metáforas do volume
de quinhentas e sessenta e seis páginas
para as quais tílias e plátanos
foram derrubados,
enquanto caíam homens e mulheres
emigrados ou resistentes
na pátria de bosques
e cossacos lentamente sumidos
no gelo das agulhas pendentes
da barba dos mortos soterrados
em antigas prisões abaixo de mirtilos
surgindo sobre o cimento
escuro de sangue, camada após camada
de terra cercada dos ritmos da vida
por todos os lados:
uma ilha de dor,
uma foto que não era só
a imagem da poeta da página 333
("Eu vos contemplo, ó números,
vestidos de bestas, em suas peles,
as patas sobre carvalhos destroçados").

Há números repetidos demais no século
da contagem dos milhões de executados
com um tiro na nuca – ao ar nunca livre –
entre os tais carvalhos, assustando esquilos
da floresta de abetos enevoados.
Anna Akhmátova não morreu
dessa rápida maneira, não a mataram

assim tão simplesmente,
porém pior fizeram ao lhe exigirem
poemas de elogio a Stálin.
Isso passou, mas ficou uma marca
na nuca da poesia, abaixo do cabelo
do vento crescendo para apagar os versos
de encomenda, numa época má
para poetas chamados de "verdadeiros"
pela deformação das coisas
que nos cercam de mentiras.
Ela pediu que os apagassem da memória,
a fim de deixar o espaço imponderável
inteiramente para versos
seus e não da circunstância lítero-política,
aqueles das antologias de versos imortais
como o de Blok desgostoso
com mais do que o Partido:
"Tudo morre no mundo: as mães e a juventude!"

Queria eu ter escrito essa síntese doida
de todas as perdas!
Queria eu poder escrever versos de ouro
derretido a impregnar os dedos da mente
tateando nas páginas de pérolas russas
à venda num sebo, entre pedras do Brasil
da lagoa santa de seixos no lugar da água
de diamantes no nevoeiro da fumaça
de canhões aqui guardados para as festas,
as comemorações do gesto incerto

do príncipe de mentira de Domitila,
marquesa descalça do Santos Futebol
Clube da poesia em moto-nunca-contínuo.

[Nossos poetas viscerais foram:
Edson, Heleno de Freitas, Garrincha,
Maria Esther Bueno, Éder Jofre,
Noel Rosa e Jackson do Pandeiro.]

Nossos épicos sem dentes, nossos líricos
sem lenços, nossos Valéry de cemitérios,
nossos engenheiros de versos, juizes
e usineiros sonetistas de paraquedas,
nossos cantores das palmeiras e da pedra
no caminho de quem ia cantar palmas
mais altas do que as primeiras,
os vates caindo no rio de penas
dos cães banguelas, os nossos poetas
emplumados no lugar daqueles,
são imortalizados precocemente,
antes da colheita do tempo.

Nossos trovadores, menestréis, poetinhas
e poetões se dedicam ao vício secreto
de deslustrar poemas dos concorrentes
ao posto de Príncipe dos Poetas brasileiros.

Nossos parnasianos, condoreiros, simbolistas,
modernistas, praxistas e taxidermistas
da poesia do pantanal depois da lama seca

descobrem de novo o Brasil de Cabral,
trabalham para Capanema e não faz mal,
tomam remédio para dor de cabeça
e vão dormir em Pasárgada,
onde são mais que amigos do rei
de espadas dos jogos de cartas
marcadas da carreira literária
do acadêmico Getúlio Vargas.

Os poetas brasileiros não morrem em revoluções.
Quando elas acontecem, os bardos nacionais
preferem segurar os empregos.
Na Revolução de 30 não morreu um só Dante
de Cascadura para contar como é descer ao inferno.
Todos eles aspiram ao céu de palmas abertas
soltando as batatas quentes na corrida
dos mil metros para ocupar ministérios,
secretarias da cultura e bibliotecas nacionais
reservadas para os insistentes em Poesia Sempre
(palmas para eles com uma só mão no ar rarefeito
da imortalidade a cacete, chá e simpatia
de casca dos boias-quentes).

Os jovens sérios de outra época
– traídos por mim e por ti,
talvez não voluntariamente, mas traídos –
estão na sala de visitas.
Vão ficar ali por toda a morta vida

complicada como a do Augusto dos Anjos que não sabia se divertir na companhia física das suas ninfas tísicas nos poemas (só nos poemas escalafobéticos do mestre que ficou na memória do povo impressionado com as palavras da ciência em harmonia com a música dos versos).

Os jovens sérios têm aquela expressão grave do médico Jorge de Lima, que não sabia cobrar consulta dos pobres acendedores de lampiões da Maceió sem drogas do começo de 1900. Augusto, Jorge, Murilo, Emílio, Abgar, os poetas jovens que eles foram não nos censuram por gentileza; são Gregórios de Matos educados que evitam tocar na ferida aberta, sujar o tapete da estepe onde caíram os soldados de chumbo de todo um exército de combatentes. Não éramos (nem somos) dignos deles.

Quem somos nós?

Talvez a Rússia longínqua possa explicar as semelhanças dos loucos e dos santos

do Nordeste delirante igual ao pampa cheio dos Romualdos de São Simões Lopes neto de gaúchos parecidos com os avós de Taras Bulba e Rasputin, o monge de ferro que amava a czarina de louça de Sèvres. Talvez desculpas ainda forcem poemas de sentimento do mundo (eu tenho duas mãos e preciso lavar uma delas), o joelho sujo, este poeta que se desgoverna, cansado de ouvir "se acalme", "não diga isso", "tenha cuidado", "meça as palavras", "não é diplomático", "as pessoas se magoam", "olhe à direita", "olhe à esquerda", olhe no centro do olho do furacão brasileiro – que é uma cordata tormenta das praias de inconsciência, um vendaval mais forte passando acima das cabeças dos tomadores de água de coco com uísque misturados no fruto generoso da árvore local da perdição.

Nossa terra tem palmeiras e coqueiros de aquarela que dão a marmelada já enlatada para consumo imediato da preguiça ancestral da nossa boa música de negros, escravos do moreno Mário, do míope Mário, modernista do modernismo mais que moderno.

No final dos anos 30, Tarsila do Amaral viajou para Moscou, com a maquilagem art-nouveau, e voltou com a arte antropofágica do Abaporu domesticado na tela, com a ajuda de Vicente, o Monteiro que não é meu parente do rego. Jorge Amado foi traduzido em todas as línguas que o Comitê Central do Partido tinha interesse em alcançar – e, até aí, nada demais.

Naqueles tempos de Zé Carioca, propaganda por propaganda, valia de tudo, e Capitães de Areia era a forma de solidariedade que a literatura brasileira veio perdendo exceto pelos pinguços de João Antônio na boca da noite da São Paulo ignorada dos Andrades.

Os moços tão derrotados, compungidos, melancólicos nas cozinhas dos apartamentos de conjuntos-habitacionais-padrão construídos para abrigar duas, três, quatro famílias por unidade residencial invadida de óculos quebrados, canetas sem pena e bocas secas de cantar as canções perdidas da escola
 – “Iz strani, strani daliokoi” –
 não partirão nunca
 – “bistri kak volni” –
 nem tão cedo desgrudarão do chão de gelo.

Vi essa foto da russa séria olhando debaixo da franja diretamente para a lente da câmara como se olhasse para o futuro abandonado pelo deus primevo.

Eu não estava só na livraria empoeirada de obras raras e populares, efêmeras e “Caras” que não param no cesto de publicações que vieram para ficar e criar o gosto pelo qual vamos pautando a cultura que, sim, se discute, se renega, se rejeita e se repele enquanto se repete.

Ninguém vai ler os Cantos de Pound se o personagem central da novela das sete não estiver lendo o ancião desmanzelado numa gôndola da Veneza cenográfica do Jardim platinado em que marcamos encontro

22 | às seis, às sete, às oito, às nove,
 embora eu tenha pontualmente
 me atrasado num sebo, há meio século,
 há século e meio, há dois séculos e
 seis milênios entre filas nos pátios
 de condenados ao trabalho nas minas
 escuras de sal ou em pedreiras de granito
 duro como as sentenças pronunciadas
 contra poetas, estudantes e editores
 de obras contrarrevolucionárias.
 Eu falava da compra de um livro usado
 na tarde de 3 de setembro de 2001,
 já doente e descrente
 – porque de fato comprei as tais
 Pérolas da Poesia Russa
 escondidas como se estivessem
 no fundo das páginas manuseadas
 por pessoas que já não podiam dizer,
 quem sabe, se o livro valia o dinheiro
 pouco pedido por ele
 ou se a tradução era boa
 e significativa a pesca de poemas
 dos poetas do volume editado
 em Portugal [Praça de G. Gomes
 Fernandes, 38-2.º - Apartado 466, Porto].
 Não pude seguir sem comprá-lo,
 sem mergulho no mar do coral
 de dentro, onde vi o clichê da foto
 da poeta de olhos transparentes.
 Queria ler os desconhecidos da minha ignorância

– Lomonosov, Derjavin, Tiutchev, Jukovski, Tzvetaeva,
 Tikhonov, Okudjava, Aigui, Tzvetkov, Irtenyev etc.
 Não sabendo a língua russa,
 eu não poderia esperar para ler no original
 os poetas das asperezas de astracã encharcado,
 do veludo da memória da carne do idioma
 de Pushkin, Lermontov, Iessénin, Khlébnikov,
 Mandelstam, Maiakóvski e Boris
 Pasternak, o nome da glória do prêmio
 que Moscou teria destinado a algum
 membro destacado da Sociedade
 dos Escritores de Cabeça Submissa.
 Entre os nomes do opróbrio, ninguém esqueça
 o da amante, musa e agente literária de Boris,
 que nela se inspirou para criar a enfermeira Lara:
 sua verdadeira identidade era Olga Ivinskaya,
 prisioneira 719536123 do gulag de onde enviou
 carta para Nikita Khrushchev, a clamar por liberdade
 e lembrando como havia colaborado com o governo
 para calar o autor de Dr. Jivago.

No refluir das estações que trazem frio e calor,
 jogos noturnos fogueiras mergulhos dos verões
 e caça nos parques aristocráticos de antes das coletivas fazendas,
 o que então fora permitido, incentivado, estimulado como as
 safras de cereais?
 Foi concedido que os ratos livremente roessem o colo alvíssimo
 de Larissa no retrato
 guardado junto de cereais e adubo feito de bosta (toda idade

se marca pela transmutação que merece) dos silos inchados de
 vermes debaixo da casca da produção de grãos mofados,
 enquanto preparavam a tecnologia de foguetes para matar
 macacos no espaço poluído
 pela música do realismo estourando os ouvidos sem tímpanos
 de selenitas fugidos
 da dissonância dos ruídos de rádio-transmissão da propaganda
 soviética,
 "entre uma cabeça febril e um coração gelado"
 na era dividida entre "a piscadela do amanhã e o aviso de
 ontem",
 tudo mal redigido por "chefes que não chefiam
 e rebeldes que não se rebelam".

24 |

Agora que tudo acabou e restam apenas pedaços
 falsos de um muro, quepes em feiras e binóculos
 militares pechinchados de mão em mão, oh Deus
 do materialismo histórico,
 tende piedade da gente que usou
 tais objetos reais da vida concreta
 [isto não é uma película do holocausto filmado
 para vender milhões de ingressos
 e as coisas suadas na alça da mira,
 balas e bonés de ex-oficiais por dez ou quinze
 dólares de turistas obscenos.]

Agora voltaram as águias geminadas
 do trono assentado no palácio de inverno

atulado de obras da arte da Europa
 sempre atormentando a ponta extrema
 das lanças com os crânios de inimigos
 do povo nômade que criou a burocracia
 mais sedentária de dois continentes.
 Foram trazidos de volta para o mausoléu
 de São Petersburgo os ossos de Nikolai & Alexandra
 e de Olga, Maria, Tatiana e Alexei, o príncipe herdeiro.
 Todos os esqueletos trazidos de Ekaterinburgo
 mostravam traços de violência e maus tratos
 antes da morte – disse a arqueóloga Liudmila Koriakova
 – e podemos deduzir que houve
 muito mais tiros na madrugada
 de 17 de julho de 1918,
 depois que as vítimas já estavam
 caídas no chão de um quarto sem mobília,
 sem cama, sem aquecimento,
 faz tanto tempo que eu quero dormir,
 esquecer uma das caveiras com furos de bala
 atravessando as duas têmporas
 e os ossos com marcas de ponta de baioneta.
 Da princesa Anastasia Romanov,
 eu gostaria que houvessem encontrado
 somente um entalhe em cornalina
 de Tarskoe Selo, ou algo assim delicado
 e diverso do gênero de falsidades vendidas
 por ciganos que fazem negócio com mechas
 do cabelo de Sua Alteza
 dentro de um frasco para exames de fezes.
 Porém, encontraram também a ossada

| 25

pertencente à filha caçula do czar,
 a mocinha infeliz que se tornou
 a lenda de uma "princesa esquecida"
 porque teria sido salva nos braços
 de um oficial bolchevique comovido
 pela mais bela das princesas
 que não puderam ser felizes para sempre
 (violinos, ouvem-se violinos ciganos
 adocicados em novelas, neste momento
 deste poema dos não arianos).

26 | Penso sempre nas férias canceladas das crianças
 acordadas para morrer por ordens ditadas
 de tão longe que talvez pudessem ter congelado
 nos fios de corvos do telégrafo:
 uma sombra me busca
 pelo irreparável.

[Deixemos de lado o irremediável do Requiem
 mudado em concerto do Concerto para Mortos
 sem sapatos no teatro e na escola
 onde nunca aprendemos truques e lições
 capazes de nos livrar do Mal também.]

Assim, comprei a antologia lusa de poesia russa
 – algumas das "pérolas" salpicadas
 do sangue no colo das noivas dos poetas –

mesmo que fosse para ter o cuidado
 de substituir mentalmente "rapariga"
 por "moça" (palavra láctea
 entre aspas negras como o cabelo das ciganas).

Feito isso, havia que comprar um corta-papel
 de preferência em forma de gaio impetuoso,
 porque Anna, sua foto e seus poemas quedavam
 virgens nas páginas cerradas de leitores indiferentes,
 os livros portugueses e franceses eram assim,
 um tesouro inviolado até chegar às mãos
 dos estudantes pobres,
 à espera da condução sob a luz do poste
 irisada de formigas-de-asas:
 eu gostava que o ônibus igualmente elétrico
 se fizesse esperar como a Revolução
 porque, quando ambos chegavam,
 cessava o foco da lâmpada e a plena liberdade
 de leitura dos poetas reacionários
 (às vezes, tão bons) sobre os quais há um livro
 – The Reactionaries –
 com um prefácio do poeta William Empson
 que é melhor do que a obra que não vem ao caso,
 pois Anna Akhmátova – na verdade, Anna
 Andreyevna Gorenko – jamais foi "reacionária"
 no sentido em que pensamos nas posições políticas
 de poetas que deixaram as fichas do PC em branco
 em cima das mesas esmurradas por amigos
 cheios de militante decepção

(Pessoa nem chegou a ser cogitado
 – era tão apolítico e monótono! –
 e os outros grandes poetas que vimos
 abraçar a causa morreram lembrando a cor
 de um vestido e não a bandeira marxista-leninista
 traída pelo caixão da história
 terminada em not-the-end).

Este poema se lembra, tenta se lembrar
 de tanta coisa que, então,
 não pode aspirar a ser como
 um polido cristal de Tamara de Lempicka.
 Não queira ver nele a forma pura
 de agulhas de gelo numa caverna
 da Sibéria distante como o banheiro
 nestes versos de restos da frigideira
 aquecida entre dois tijolos da poesia
 em processo de construção concreta
 para ouvidos decaídos desde o som
 secreto do Zeppelin sobrevoando
 a manhã ainda lenta sobre o rio
 de cama de plumas levando nuvens
 em forma de lobos
 para a alcateia congressual dos ventos.

Este poema pertence ao domingo
 "que outro recorda"
 como se acordasse com a sonata

ao piano do sono no meio da rua:
 não lhe dizem o que está fazendo ali,
 que rosto tem num vidro partido
 e porque sonhou que estava perdido
 num museu de quinquilharias,
 cercado de caixas de música
 e o silêncio do fim.

Vi uma foto, eu dizia,
 não mais do que isso,
 uma foto impressa e não um filme
 clandestino da execução do condenado
 contra o muro amarelo de flores
 trepadeiras esfaceladas pelas balas,
 na manhã de matar poetas republicanos,
 vermelhos, trokistas, vietcongues
 e maoístas esquecidos do Livro
 de Pensamentos de Mao.

Vi essa foto e não posso escovar os dentes
 como se nada houvesse visto,
 sabido, chorado junto da fonte de águas
 inúteis na madrugada de outra Clarice
 contando como pessoas podem bater
 na porta para levar o marido
 que não espera visita.

Você pode ver numa foto o que não está nela.
 Você pode ver um pássaro raro,
 a borboleta do fogo nos olhos de uma mulher
 fotografada para um falso passaporte
 de cuja perfeição depende a sua vida.
 O olhar dessa Anna do documento ilegítimo
 é o olhar que encara os que vieram em busca
 de Lev, o filho, e chegam com batidas normais,
 toques de campanha do carteiro,
 do entregador da mercearia do dedo-duro atento.

Vi a fotografia de todas as Jocastas
 mirando quem quer que estivesse
 atrás das lentes da máquina da Polícia
 Política de Segurança Máxima do Estado.
 Vi seu olhar para a morte na mão enluvada
 às margens do Volga de acácias brancas
 iguais aos corpos das vítimas do sinistro
 piquenique do primeiro dia da segunda
 semana de junho de 1930.

Não foi isso (um piquenique) em momento algum
 o século que cerrou os olhos de Anna Akhmátova,
 suas pupilas iluminadas dos reflexos dos domos
 da noite de cúpulas de ouro entre luminosos
 dos hotéis estatizados, apagados na madrugada,
 tudo tão dramático e tão breve que punge
 e faz comprar um livro numa cesta

que era também a de feira de cerveja em promoção,
som alto na caixa, jogo da Seleção...

Ganharam os faróis dos olhos
claros da Akhmátova
guiando na direção do passado
sem direção na fumaça de estações:
o aceno de adeus de lenço
na cabeça de alguma camponesa,
enquanto você perde o nome inscrito
no portal da sua aldeia arrasada
de modo a não restar nada
dos lugares da juventude.

32 |

O professor de violino que dava aulas de graça
enlouqueceu porque vieram buscar sua mulher
no começo da noite bela como o crepúsculo
indeciso de um quadro de K. A. Somov.
Ele ficou sentado, na varanda,
com o instrumento de cordas rebentadas nas mãos,
a casa toda acesa para o caminho da volta
de Ekaterina Mikhailovna
– julgada e condenada por se dizer solidária
com os russos brancos na versão mal contada
do ataque à aldeia de [C E N S U R A D O]
As casas desapareceram,
o nome dela é melhor não pronunciar
sobre o mapa apagado onde a Nova Ordem

exterminou carne e memória
com lança-chamas e política de terra arrasada
que não deixou de pé sequer a lembrança
da floresta dos contos de fadas
violadas e assassinadas.
[Foi o que aconteceu também com a mulher de K. A.,
denunciada por um ex-porteiro demitido por seu pai.]

Com isso, não se pretenda generalizar
sobre injustiças eventualmente cometidas
enquanto buscava-se a igualdade
entre desiguais tornados iguais
a qualquer preço,
pois um serviçal e um patrão sentem frio
do mesmo jeito,
o pão que comem entra e sai
pelos mesmos canais,
e valas são abertas, também eventualmente,
para escravos e senhores, reis e vassallos,
banqueiros e mendigos enterrados
com a mesmíssima etiqueta
presa no dedão sem diferença
para as moscas veteranas do necrotério
de gavetas cheias das vítimas da bomba
anarco-nihilista-milenarista etc.
Não seja aceito nenhum revisionismo ingênuo
nem se poupe nada que possa queimar:
ícones de Rublev, cadeiras francesas de encosto
de veludo e belas molduras do século dezoito,

| 33

raspado o ouro e outros folheados da madeira
 espalhando o aroma de antigas florestas
 a arderem depois da saída das telas
 a caminho do depósito oficial
 de arte pré-revolucionária
 (você mesma gostaria de possuir
 A dama de azul, de 1897,
 que um soldado embrulhou em papel engordurado
 e levou para casa como levaria qualquer coisa
 barata na algibeira).

Há muitas histórias, nem todas são verídicas,
 algumas visam a difamar um povo capaz
 de mudar o destino de forma radical.
 Nenhuma Revolução pode ser gentil
 quando começa ou termina
 por cortar cabeças à nacional maneira
 de Ivan, o Terrível,
 um homem assim chamado pelas gentes
 que não sabiam o quanto um governante
 pode vir a ser realmente terrível
 e capaz de engendrar,
 depois da morte por hemorragia cerebral,
 uma orgia de sangue do tamanho da hemorragia
 da escola cheia de crianças marcadas
 para morrer pelo relógio do pulso forte
 de Koba, the Dread Steel Man.

Voltemos à marcha fúnebre dos poemas
 lentos como trens ultrapassando plantações
 abandonadas e vilas desertas,
 sem sequer as crianças desoladas
 quando acordam no céu sem as mães
 – porque tudo morre,
 crianças e esperanças explodidas
 pela loucura à solta no mundo
 submerso com o navio de Billy,
 o corpo de Budd sem mácula
 pendente do mastro da gávea,
 a língua inchada de vermes
 a poluírem as canções do inocente
 que, para os maus, cantava canções
 da infância na terra.

Acabamos de ver uma fronteira negra
 ultrapassada no limite dantesco
 de uma sexta-feira de setembro
 onze vezes mais maldita
 do que as vezes anteriores
 do ódio desatado contra a massa
 que pega o metrô porque não tem mercedes
 própria para procurar emprego em Madri
 e em Nova York acordando
 cedo a fim de prosperar
 com as grandes corporações
 até a linha final de montagem
 do terror cuja lógica é:

não escolher as vítimas,
 não se compadecer delas,
 não poupá-las nem deixá-las fugir
 sem a bala nas costas
 que derruba a menina
 a cinco metros da mãe.

Vi essa mulher, com meus olhos cegos.
 Vi sua vontade de morrer,
 um lenço diáfano de gaze
 sobrevoando as pombas cansadas
 dos pés da viajante calçando sapatos
 fora de moda nos pés suados,
 a flor parda do sexo protegido
 pela calcinha de lã costurada,
 a fronte sob os fios negros do desespero,
 os ombros na neblina,
 a janela tão alta que parecia abrir
 para a primeira neve de silêncio.

Você já viu a neve?
 E o que vem a ser essa interrupção da carícia
 em progressão indecente no ventre
 de uma russa morta?
 A receita para enlouquecer um poema,
 por versos fora do trilho da lógica harmoniosa
 dos poetas laureados pelo Kremlin

em detrimento dos cantores descalços
entre os amieiros.

A forma de esmagar os pequenos bardos esquecidos,
os laterais mestres menores de uma arte
agora sem lugar até onde eu posso ver,
aqui e em todos os lugares
nos quais já não importe dizer
da forma mais casual:
vi uma foto da Akhmátova...

38 | Aprendi essa forma entre dois pratos da sopa
de repolho cuja fragrância enche cozinhas
do cheiro estival do Don secreto,
"rio russo por excelência"
na frase de ouro dos tolos
percutindo acima das orelhas sujas
de alunos maltrapilhos que estudam
apenas pela merenda.

Os mestres pisam no tapete vermelho
da escadaria principal da literatura,
porém os poetas de pés limpos pisam
no assoalho de madeira que estala
ao ritmo da poesia nova como os salgueiros
de prata brunida do Neva.
Vi uma foto que se anima como fotografamas
de alguma escadaria de outubro,
mostrando as mães protegendo os filhos

Vi uma foto de

com braços nus de camponesas
enquanto cúpulas douradas soltam fumaça de incêndio.
Tudo se passa entre dois rolos de fumo
e um terceiro, quando a Akhmátova
se volta para que eu lhe acenda o cigarro
na piteira longa como as pernas
e os braços da NKVD
atenta a fumantes e não fumantes,
poetas e não poetas.

Ela não tem medo,
a mulher da foto do volume
que eu levo debaixo do braço
e da chuva para longe do cais,
rumo aos subúrbios do esquecimento
onde se pode dormir e, talvez,
sonhar, ó príncipe sem consolo!

Ela lê Shakespeare em russo,
Ofélia armada de audácia misturada
à suportação de indizíveis sofrimentos:
já deixou que um comissário do povo
a sodomizasse, e agora tenta se preparar
para não vomitar quando chegar a hora
de chupar o oficial de plantão.
Vi tudo isso na foto.
Não posso negar, nem cegar para a evidência
do menino molhado entre as pernas das calças,

39 | Anna Akhmátova

o rapazinho distraído e tenso,
 escondendo o som da tosse no oco da privada
 de branco raiado por riscos de rachaduras
 e pequenos pentelhos vistos de perto,
 enquanto sobe pelo nariz a raiz forte
 da contração do estômago na revolta
 do rejeitar a mistura de leite doce
 com o azedo da cerveja.

Contra todas as misturas e misérias
 dos subúrbios do mundo,
 as borboletas do estio prisioneiras
 da seda da sua blusa de maio,
 rosa fechada de surpresa
 quando eu a percebo
 bem perto.

Ergo a cabeça da latrina
 para contemplar
 o mármore rosado do seu joelho.

Ela está próxima (como todas as borboletas estão).
 Tão próxima que alguns salpicos do vômito
 mancharam a maciez da pele fosca que cheira
 ao Jenissei correndo entre as margens de freixos,
 e eu me envergonho perante a perfeição
 difícil de todos os joelhos esquerdos e direitos

– nunca sei quais são, nunca tive uma bússola,
 uma luneta para ver moças no banho,
 um recurso que me aproximasse, mais,
 de incertezas dessa natureza.

Vi a fotografia da poeta morta,
 isso eu vi de perto
 porque aproximei dos olhos
 os pontos da impressão granulada
 a me olhar do outro lado do Letes.
 Vi tanta coisa na vida
 e nunca vi um olhar como o dela.
 Imagino que a minha malícia pudesse subir
 ao longo daquelas pernas, das coxas veladas
 por anáguas leves até a rosa do sexo
 aberta sobre o jardim da cama
 de pequenas margaridas e jovens narcisos
 debruçados sobre o lago de mistério
 das virgens entregues a homens
 não muito limpos no dia do casamento
 arranjado nas aldeias de febre.

Estão tão longe de tudo que ficam próximas
 do esquecimento, do perdão para as vilas,
 os cantões aéreos, as povoações da poeira
 de carros e trens passando sem parar
 nas estações aposentadas pelas estradas
 de asfalto contornando o cemitério,

a igreja em ruínas, os velhos endereços
 de empregos oferecidos por pequenos capitalistas
 do mercado de miudezas, bebidas, sapatos e sorvetes
 feitos de essência morta
 – o primeiro gelado, a glasnost na garganta quente –,
 acho que isso foi há muito tempo numa outra vida
 [se existe mais de uma e somos mesmo obrigados a vivê-las]
 debaixo do tácio do Deus abaixo do Secretário,
 o aldeão da morte de todas as aldeias da Santa
 Mãe Rússia sem leite, sem cerveja, sem pão,
 sem lentilha, sem carne e sem peixe dos rios
 desaparecidos sob a rede de hidrelétricas
 da Mongólia Interior até à Sibéria.

42 |

Levantei-me, envergonhado,
 lavei a boca enquanto ela se mantinha no espaço
 do banheiro abafado, os joelhos juntos, um deles sujo,
 a mala úmida de chuva.
 "Estava linda", conforme se lê nos romances baratos:
 ("e havia voltado", violinos etc.)
 para me ver sobre o vaso,
 dobrado e aturdido pelo ato
 sobre o qual sempre se fecha a porta
 emperrada ou a cortina de pano
 varado pela luz do sol entrando por claraboia
 acima da descarga sonora demais.
 Enxuguei aquele, dos dois joelhos, respingado
 da minha bílis quente.
 Ela deu a descarga e sorriu,

sempre prestava atenção a detalhes
 que não são detalhes.

Eu tomei a valise das suas mãos geladas.
 O banheiro não era o melhor lugar para o beijo
 entre amantes de novo nos abraços pecaminosos
 de uma arrependida e de um nauseado
 pela solidão sem o pecado.
 "Há dezessete meses que eu grito
 chamando-te para casa.
 És meu filho e meu terror".

Há momentos suspensos
 – sobre o abismo da realidade –
 e aquele era um deles,
 enquanto o quarto chegava
 sem arrastar os pés (era a impressão)
 de um ladrão cansado (a imagem te pertence)
 e não havia nenhum pássaro branco
 cantando para o passado
 (pedra jazendo no fundo do poço
 aberto em frente ao quiosque).
 Tudo entre aspas:
 o ato do amor sem palavras,
 a promessa de não se chocar,
 sentada na cama, triste e pensativa de novo.
 Talvez eu dormisse, talvez eu pesasse
 o rumor das suas cismas,

| 43

acordado como os galos da Ática.
 "Você conhece a história, a loucura de Katsimbalis?",
 a pergunta feita pela minha boca limpa, alegre,
 sem remorso das investigações da língua,
 antes do amplexo te forçando a um esgar
 – e a gritar, mulher e não Madre da Ternura
 acima dos hesitantes círios espalhando
 a religiosidade dos pobres com o cheiro
 da cera derretida que parece esperma
 congelado nos nichos dos santos
 que não controlam a poluição noturna
 diante do altar da Virgem.

44 |

Não é uma história para se contar
 depois da ceia dos salvos,
 sob a luz incerta dos salões de fumar
 interditos às mulheres até vir o sufragismo,
 as altas chaminés de tosses,
 doenças e marcas das carruagens sem cavalos
 na neve de dezembro.
 Aqui, não há neve em mês algum.
 Não há troikas, sinos atenuados pelo peso
 da atmosfera, agulhas cinzentas da fumaça
 de peixe entre lixo de pardais e penas.
 Há só uma história nua (e quase obscena),
 depois que o relógio dá as horas pesadas
 da sensualidade reservada para quando
 (e só quando) estamos a sós.
 Talvez esperemos, de cada vez que entramos

na Casa do Escândalo
 que o rumo do quarto possa ser por uma noite
 desviado para o santuário de círios acesos.

Você deixou de frequentar a igreja.
 Eu deixei de chamá-la pelo nome
 engolido entre as nossas pernas.
 E os minutos delas escorregam
 para longe da eternidade, amém.

Não somos os amantes afortunados,
 os noivos permitidos, os namorados
 do maio da inocência que não pode saber
 o que é entrar no túnel negro de Méroe.

| 45

O que quer dizer a palavra tabu, Rainha
 do Escuro Egito Interior?

Princesa da Lua, por que você voltou?

Foi você a única noiva, ao longo do século,
 que ganhou uma Luger semiautomática de presente,
 a arma cromada do pai caído nas trincheiras de 1917.
 "Esta pistola é para me matares, um dia, antes de dizer que
 partes,
 acompanhada ou sozinha, deixando um baú com o vestido
 e o diadema de flores silvestres do casamento".

Só agora possa entender o oficial triste,
 capaz de implorar para nunca ser abandonado
 pela mulher deixada em quietude,
 a pensar nas coisas nas quais uma mulher pensa,
 entre cães, num jardim, sentada ou de pé.
 A alça do vestido pendente para a noite quente,
 porém sentindo frio (ou supondo sentir)
 enquanto os ombros de alabastro tremem
 e é melhor deixá-la a sós,
 afastar-se sem nenhum som
 e sem pretender perguntar
 porque ela chora

diante do mar borrado pela névoa.
 Já não lhe parece bom o que ia tão bem?
 Há flores brancas demais no vaso de louça
 recordando-lhe a gravidez,
 a maternidade que lhe tolhera a escrita
 por algum motivo misterioso das coisas
 criadas pela carne e pelo espírito toldado
 de muitas das fêmeas pojadas,
 bojudas como um jarro das montanhas
 da lua dos períodos de cada mês.
 Gostara de estar grávida, mas gostara
 muito mais de voltar a escrever,
 depois do parto do menino belo,
 tranquilo no seu colo e confortável sobre ela,
 como jamais estivera o homem da arma
 com a munição mofada na caixa de sândalo.

"Tive mil razões para o deixar
 – nenhuma boa. Ele dizia que queria apenas
 que eu o amasse e risse – e escrevesse versos.
 Então, ao dizer isso (como se versos
 pudessem ser escritos depois que se faz
 chá ou cocô), eu compreendi
 que ele não compreendia
 o que estava dizendo simpaticamente.
 Sei que é complicado, porém não duvidei
 de que eu o amava talvez por isso mesmo:
 por Nikolai não compreender nada."

Isso faz muito tempo.
Isso faz algum tempo.
Isso faz pouco tempo.
Que tempo isso faz?

Sei que eu via a linha do mar de chumbo descansando do esforço da manhã.

Os guardas-sóis permaneciam na distância, a projeção de sombra redonda dos panos mudando da areia seca para a areia molhada onde restavam pegadas de banhistas despreocupados, já retirados para seus bangalôs no limite das árvores protegidas pela cerca branca das praias particulares.

Você pensa, então, que não está só – mas está.
Pode estender a mão e tocar naquele ombro da outra noite, há muito tempo, há tempo nenhum – há quanto tempo?

Não adianta de nada:
tudo resvala das bordas dos ponteiros estúpidos do relógio que marca a hora da morte.
Ela lhe dá a mão, os óculos escuros velando pensamentos que você vai morrer sem conhecer.

Quem não acolhe o mármore cálido de dedos?
Quem não se deixa levar pela palma da mão suave como a coronha de madrepérola da arma na caixa do presente?

Ela percebe uma presença qualquer, um morto enciumado atrás da cerca, um oficial chocado com o que vê, uma insinuação a flutuar de fora para dentro, e pede (ou é como se pedisse) para fazer amor, embora a frase seja “vamos para o hotel” ou “eu estou cansada”, de modo que você sugira: “vamos voltar?” ou “vamos para dentro?”... Vão. Duas cumplicidades de vestido de renda (jovem demais?) e com a túnica que ela achava tão elegante para jantar à luz de velas. Passam pela sombra da avenca hirta na parede. Sobem pela escada para não esperar pelo elevador de porta-de-sanfona que protesta no dourado encerado do abre-e-fecha, há cinco séculos ou cinco décadas. (Ninguém cometa a bobagem de pensar que conta o tempo que não passa porém cancela nossas pegadas nele).

Ela receava que o elevador pudesse despencar com o peso dos fantasmas de todos os hóspedes mortos que subiram e desceram para o céu e o inferno.

Era para onde o levava, enquanto as longas pernas
ascendiam por degraus cobertos pelo tapete
poído até a cor creme de pele.

Há uma onda a emanar dos passos
para o céu de baixo da fêmea,
dos prazeres que descem até zonas
escuras de inconsciência,
mitos agrários de deusas que não reconhecem os parceiros.

50 | Anna estava no controle do último cetro,
era Lilith antes de Eva, subindo para descer,
arrastando Atis para dentro dela:
"Vem modelar minha cintura com tuas belas mãos,
enche meu regaço de leite e creme,
esfrega meu pêlo púbico, rega o meu ventre.
Pousa tuas mãos na minha sagrada Vulva,
aplaca minha barca negra com o Néctar!"

És meu terror – e a Mãe de todo o Amor.
Compreendo, agora, porque ele te deu
o presente da arma de fogo no dia do teu casamento.
Todas as mulheres que existiram olham
por teus olhos secretos, estão junto de mim,
tocam meu rosto, meu peito, meu ventre.
Tocam tudo que é masculino num rapaz
que fingia não ver, não entender, não ouvir

a canção da cova da Lua Donzela,
Mãe e Velha, Abelha Rainha cujo mel penetra
no cerne da Noite Mais Antiga da Terra:
a que vivemos antes, durante e depois
daquelas férias compartilhadas a dois
no mar da tranquilidade da baixa estação
do prosaico Hotel Laussel
da mesma Vênus larga, nua e sem rosto
numa gruta do paleolítico superior
que não visitamos, felizmente.
Esta mulher está só,
sumindo entre as samambaias
com o mesmo riso da juventude
a escrever poemas.
Esta mulher está só e obliquamente atravessada
pela nudez do pensamento. | 51
"Ama-me e sorri" – pedira ele,
o inocente sacrificado na última trincheira,
o jovem capitão desarmado diante do sorriso
de dentes cruéis das mulheres
quase sem forma na pedra:
isso são os lábios entre as colunas libertas,
aquilo é a fome a mais do que a necessidade,
uma selvageria qualquer, mal domada pela lustro superficial
da civilização precária nas fronteiras
de volta para o berço de lama de Hacilar,
morada do centro do fogo negro confundido
na escuridão ("que verso mau, freudiano etc.")...

52 | Você sabia rir e sabia amar
 e sabia trepar como as trepadeiras
 do caramachão, entre mãos e mães,
 troçando dos trocadilhos dos "acmeístas"
 rolando cubos de palavras no chão úmido
 de sopas de letras do poeta substituído pelo electricista
 na estima da União das Repúblicas modernas
 demais para o teu gosto pré-suprematista,
 teu ouvido para os sons úmidos da língua estranha
 de além da natal Odessa de neblinas densas.
 Nada de "radicais associações livres num tempo
 liberal, positivo, científico e próprio para revoluções",
 porém não para as permissões concedidas
 pelas sacerdotizas de Dionisos no fundo do templo
 sujo do sangue de menstruação (eis a palavra
 que torna mau o poema da mãe).
 Havia um mapa traçado na pélvis,
 uma naturalidade na nudez total,
 um despojamento, uma cor no calcanhar,
 pequenos sinais castanhos e pretos aqui
 e ali, entre as coxas, na parte interna
 que você me pediu para devassar
 (pouco maior do que esta minha mão,
 você já deslizou por aí, lembra-se?)...

Como eu poderia me lembrar?
 Era tudo uma fronteira, um limite difícil
 para sempre vencido, um rio a devolver
 aos extremos de confusão dos começos,

um sexo reconhecendo o outro pelo cheiro
 do rio de dentro.

Foi isso que você me ofereceu,
 mais que impudicamente,
 pedindo que eu enlouquecesse
 na hora da ofensa, antes do amanhecer.

Havíamos viajado por cidades brancas, por lugares remotos,
 sem que acontecesse nada mais do que o rumor entre as sebes.
 Nos hotéis pequenos (por você preferidos não por restrições
 de dinheiro), o perfume das suas roupas, a intimidade com elas
 nos quartos de casal da única opção.

Assim foi nos hotéis de antes do setembro
 das marchas repelidas duramente,
 quando Ivan Bunin escrevia O cavalheiro de São Francisco
 entre as duas metades condenadas da mesma época, disse ele.

Como eram boas as conversas daquele tempo:
 homens que sabiam argumentar e perder,
 mentir com imaginação e enfrentar a hora
 da verdade do fuzilamento:
 a camisa branca arruinada pelos furos
 sangrentos que vimos em Kiev.

Cobertas nas praias de lençóis quentes,
um fechar de porta com pudor que revela
a consciência do sexo.

O vigor da coxa entrevista na espera
pela saída para um passeio inocente.

O perfume que sobe da intimidade
de rosas trocadas no vaso de flores
raizadas de pequeninas veias das orquídeas
que semelham senhoras ainda atraentes.

Talvez nem houvesse interdição ao olhar,
vez ou outra, porque é impossível não ver
quando a perna inflete para cima,
o pé apoiado na banheira para enxugar
água na carne velada e cega:
"me dê a combinação", pede ao filho a mãe.

Estávamos sozinhos com roupas,
perfumes, cremes, sapatos de mulher
que apertam no calcanhar,
tudo que faz contato estreito ou folgado
com a pele comovente das senhoras
mais livres do que as moças
em certos momentos.

Há tanta coisa para incluir na bagagem
(o território das mulheres, pungente nos truques da aparência),
peças que constroem no aperto, laços amarrados
atrás das costas, fechos difíceis que demandam

tempo, riso, o cheiro da pele quando se impregna
de agridoce suor.

Estou ali para olhar e entreolhar
– quando vem a visão mais secreta
e uma intimidade de flor se revela,
uma corola se abre em rosa insuspeita
de fragilidade e contaminação.

"Tenho de ajoelhar com Morozova,
dançar sempre que dança a filha de Herodiade,
subir no fumo que é Dido ardendo,
estar com Joana na humana fogueira
profana como não era a de Joana"...

Era uma surpresa quase dolorosa
perceber a moça do seu tempo
de pernas cruzadas para jogar (e reclamar).
Uma companhia divertida, uma dama travessa,
os joelhos foscos de sabonete,
tanta faceirice debaixo da luz,
uma pequena trapaça (a menor delas)
na boa disputa de bons companheiros de viagem,
de vagabundagem, jogos e livros, passeios
e almoços ao ar livre,
ela tão leve na hora de atravessar
um arroio da primavera.

A rotina de hotéis teria sido
 uma preparação inconsciente?
 (Quando forem julgar, quando a boca torta
 estiver prestes a condenar sem apelo,
 lembrem-se da falta de malícia de uma pousada
 que só possui quartos de casal para alugar).

Meu paizinho das estepes, uma ladeira se aproxima
 para me fazer descer resvalando na grama
 até o pântano eleusino,
 a divindade feminina pedindo justiça,
 prazer e desordem da Natureza.

56 | É a deusa que aprendeu a rir de anedotas obscenas
 contadas quando se apaga a luz,
 no conforto da intimidade
 que partirá algum laço sagrado
 debaixo dos lençóis frescos
 onde ela se meteu após o banho,
 reclamando do calor de julho.
 Eu não estava preparado para sentir
 o mar iluminado naquele magnetismo
 de lua rolando enquanto ela também rolava.
 Nossas almas juntas em algum sonho
 corromperam a sua nudez desacompanhada
 dos meus calções de menino pela guerra
 mudado, transformado em homem
 sentindo calor frio na cova de Tiamat
 partida em duas metades pelo mês frio.

Contudo, era possível dormir nas tardes gregas,
 sorrir para as claras horas das noites do Mediterrâneo,
 entre cítaras e ciclames, fitas e festas feitas para as bodas
 da filha do comerciante de Plaka,
 forte como Hátor na promessa de muitos partos
 desassistidos em alguma ilha como Hydra
 ainda sem turismo grosseiro.

Seu dedo enluvado sobre os mapas.
 Sua mania de viajar – para nos aproximar?
 Suas perguntas sobre a guerra.
 O ciúme das mulheres
 seguindo na cola dos exércitos.
 “Isso não acontece mais.”
 “Claro que acontece.”
 “A guerra, agora, é suja demais.”
 “O sexo não é limpo.”
 A palavra sexo na sua boca vermelha:
 uma impressão?

“Julgo que quem olhar-me bem de perto
 dentro dos meus olhos logo pode vê-la.”

57

Vi uma foto de Anna Akhmátova
 que me permitiu ver a alma na carne
 como numa prisão que Dido faz arder.
 "Um Joana Pecadora numa outra fogueira",
 a pele em tiras desfazendo-se pelo amor
 não do Rei sem honra e do Deus indiferente.
 Vi-a afrontar esse Deus e sua indiferença,
 suas regras, suas interdições e os pecados
 proclamados mortais para nos matarem mais.

A Natureza não sabe quando peca,
 nem quando destrói.
 Ela é nosso segredo,
 e está do lado da cegueira,
 da inocência das leas sem passado
 e sem futuro (uma intensidade branca
 num eterno presente).

A Natureza é sem justiça e sem perdão,
 acende-se nos vulcões e nos corações
 dos cartões de Natal atravessados
 de uma seta desenhada à caneta.
 E ela está prenha dos próprios filhotes
 de há três estações
 brincando na relva (o teu temor).

Vi tanta coisa que desejo morrer.

Quando acordei, ela havia partido.

Rezem por mim quando eu me for,
 o mais cedo possível na charneca
 tornada um deserto sem castelos
 de nuvens sopradas para o Sul.

Vi quando o vento mudava de direção,
 as urzes dobradas como as cabeleiras de escravas
 fustigadas pelo senhor que não pretendem abandonar...
 Não desejo que ninguém venha ser "bom" para mim,
 trazendo-me o perdão do Deus que nos fez assim.

Ela o desafiou antes de mim,
 ela me condenou sem condenar
 e me abençoou semabençoar

(e era, unicamente, quem podia me perdoar).
 Era capaz de enfrentar o frio do rio
 quebradiço no inverno, a fornalha de Gobi
 nos meses mais quentes, os lábios queimados
 de sede, os delicados pés em carne viva,
 as mãos ainda suaves, apesar de secas
 e ameaçadas pelo tempo que não poupa
 as noites suspensas da lembrança
 dos seus dedos de óleos descendo
 entre as minhas pernas,
 num convite da sombra
 para me perder dentro dela.
 Eram minhas conhecidas, as colunas de Perséfone.
 Ao se abrirem, eu já estava perdido
 e para sempre excluído do mundo
 que pudesse nos compreender,
 longe demais, transgressores
 da transgressão como nós éramos.

60 |

Ela me contou tantas histórias
 de transgressores comuns,
 de ladrões das estepes!
 Penso que seu seio, então, já arfava
 ao alcance da minha mão.
 Penso no banho.
 Penso na água aquecida, nos saís,
 nas lavandas francesas da Rússia
 voltada para o Ocidente da língua
 na qual Pais e Filhos está escrito

Vi uma foto de

tão elegantemente:
 somos nós?
 Não, não somos nós, Mãezinha
 Rússia, que mais próxima está do Fiodor jogador,
 do estuprador da criança de Moscou,
 aquele mendigo santo que foi procurar
 o pior castigo, a suprema humilhação,
 a confissão do seu crime
 a ninguém menos que o belo, o rico,
 o aclamado Ivan Sergueivitch,
 nascido no seio de uma família de alta classe de Oröl
 e falecido em Bougival, nas proximidades da cidade iluminada...

Paris!
 Ela sonhava com se perder num bairro dos fundos
 da capital cheia da cultura émigré ("lá, poderemos viver").
 Mas ela também sabia que ali não poderíamos viver.

| 61

Lá não era para nós – embora o nome restolhasse
 como a liberdade do fogo, um incêndio nas vidraças
 da tarde aparentemente propícia para os casais ilegais
 num lugar acostumado com os escândalos
 que podem suportar e não com as transgressões
 que não podem aceitar, em Paris ou em Pequim.
 "Esqueça isso, não é uma questão de onde morar"
 eu terminei por gritar, num dia de tristeza,
 a respeito da casa que ela queria comprar,
 um estúdio onde havia morado Flora Tristán,

Anna Akhmátova

a feminista sansimoniana e avó de Gauguin,
contemporânea de Marx e mulher impossível.
Nem era o melhor da rua antiga dos leiteiros,
um janelão no pavimento superior
sobre o caminho de pedras que levava
até a ladeira do Prieuré d'Avon
onde George Ivanovitch Gurdjieff havia instalado
o Instituto Para o Desenvolvimento Harmonioso do Homem.

Ela gostava das vizinhanças místicas
e não sabia que Katherine Mansfield
(uma das suas admirações inglesas)
acabava de falecer ali dentro,
nas circunstâncias que P. D. Ouspensky
diria terem sido recebidas por Gurdjieff
como "o seu pleno salário de mentiras e calúnias",
por ter acolhido a escritora doente,
naquele Priorado que, oh, desfez-se.

"Nenhum refúgio, então?"

– sua pergunta de cigarro acusador,
no vestido que a tornava tão jovem
próxima da janela.

"Refúgio" era uma palavra estranha para se usar
com nenhuma polícia na nossa porta de Leningrado.
("esse nome não vai pegar").

Ela se chocou quando perguntei se estava grávida.
"Você sabe que eu não posso engravidar. E depois..."
Ficamos em silêncio.

Um carro subia a ladeira:
era uma ambulância que não nos dizia respeito.
"Aqui tem cemitério russo?"
Eu não sabia responder.

Sim, havia um, não exclusivamente russo,
na Paris da imensa colônia de emigrados,
uma aglomeração de cruzeiros bizantinos
e pequenos camafeus de moças de tranças,
senhoras de chapéu e negociantes sombrios
fotografados pelo próprio Nadar
(tudo que foi roubado, depois).

"Eles sabem de nós"

– ela afirmou mais para si mesma,
teve um estremecimento, afastou-se da janela
aberta para o fim de tarde cinzento na ladeira,
no Prieuré, na casa vazia (que não iria comprar)
e no mundo inteiro que devia "saber da gente"
no seu centro, a capital da França amada
dos compatriotas fluentes nas duas línguas
dos elegantes Turguenievs.

Paris! Não podia ser nosso destino
senão de quartos separados na Rivoli,

com uma porta de comunicação
com chave emperrada na noite disfarçada
das dissimulações.

Quanto à Riviera, era "artificial demais",
cheia de "estrangeiros sem educação, americanos ricos
e aristocratas decadentes do nosso torrão".

O Sul, Montpellier, as vilas de cercas vivas
e mortos poetas burgueses

estavam na moda demasiadamente
para o seu gosto das coisas difíceis
e por descobrir:

paisagens escondidas e hotéis tranquilos
e sem papel de carta,
em algum subúrbio do Líbano europeu,
jardim plantado à beira do mar do Oriente,
entre palmeirais e prostituição de adolescentes
e crianças de ambos os sexos.

Tentara se matar em Paris e não gostava de falar disso.

Quando o assunto emergia, tarde da noite,
ela não admitia razões associadas ao "caso"
com o Modigliani de quem ria abertamente,
embora gostasse de mitificar a relação com o pintor
que não compreendia poemas em italiano, em francês,
em qualquer língua decente,

para não falar no cirílico "de cabeça para baixo"
da descrição grosseira,
agravada pelo riso de maus dentes

do mais pobre artista da Europa.

Ela reparava em dentes.

Por minha vez, eu tinha ciúme da sombra
do "pobre Amedeo" que a vira como encarnação,
decerto, da dançarina egípcia viva num afresco
destruído a fim de trazer os pedaços de presente
para colecionadores amadores com poderes
na Accademia Romana decadente.

Estávamos tão loucos – em Paris,
novamente – que discutíamos por qualquer coisa
ao alcance (ou não) da discórdia:
a cor das paredes do hotel de Pera,
o lado de entrada na massa da Pirâmide,
para que serviria uma construção tão monstruosa
("está claro que nunca foi apenas uma tumba"),
alguma moça que me convidara para o chá,
uma música pedida por mim ("para quem?").

Para você.

"Para mim?"

Pois eu não me lembro de gostar dessas harmonias de gosto vulgar"...

Porque em Paris ela se fazia mais do que ciumenta.
E se tornava irascível, nervosa e com medo de ficar
muito velha, de repente.

Temia mudar como as flores, de um dia para o outro.

Uma vez, duas vezes, ficou nua diante do espelho,
disse que o seu corpo era a escultura de uma velha.

Os seios estavam um pouco pesados, sim,
 no entanto a cintura continuava fina
 e flexível a linha da coluna.
 "Não minta sobre eu ter coxas firmes!",
 ela pediu, ordenou, refugou o meu elogio
 do seu pescoço quase sem rugas.
 O "quase" a enfureceu mais ainda:
 eu não podia dizer a verdade
 e eu não podia mentir,
 mas afirmo: nada, nela, era da velha que ela
 estava vendo, com pavor, refletida na crueldade
 do espelho diante de uma mãe sem roupa.

66 |

Foi a noite em que a conheci em desespero,
 como Anna podia ser ao imaginar um futuro
 sem os seus cabelos,
 uma nuvem do horror que viria,
 um dia, sem a sua presença:
 crianças mortas e mães e avós em desespero
 muito maior do que o dela,
 em data guardada entre as garras do tempo
 abrindo frestas quando uma mulher
 solitariamente se ressentia
 do próprio reflexo.

Aquela viu qualquer coisa no fundo do vidro
 a devolver imagens e confundir as épocas.
 Viu a surpresa de se poder matar crianças,

no futuro, no poema sobre a decadência
 de uma Roma que seria a Rússia,
 sendo Anna a Faustina dos versos
 de tempos frisados como o cabelo
 da filha de Marco Ânio Vero
 e Rupília (sobre quem pretendeu compor
 uma última peça)?...

Faustina recebeu o título de Augusta depois
 da ascensão do justo Antonino Pio,
 com quem se casou.

Morreu ainda no início do reinado do marido,
 que lhe era muito dedicado e mandou construir
 um templo em sua homenagem, próximo ao Fórum.
 Tudo que sabemos dela é que era muito vivaz e franca,
 numa Roma corrompida que a sinceridade
 não podia suportar.

| 67

Ela chamou de "maravilhoso argumento"
 a franqueza deslocada,
 mas jamais escreveu a peça,
 suponho, de teatro poético.
 Talvez não tivesse talento para compor
 uma única cena real, dramática, feita para atores vitais
 e não para os recitadores anêmicos do tempo.
 E nunca mais permitiu que eu voltasse a vê-la
 nua sob alguma luz crua, daquela forma distraída
 das mulheres se exibirem sem pejo,

minha mater Faustina de Odessa
 (houve ainda a feia Faustina II, mulher de Marco Aurélio,
 que teve doze filhos – nem todos do Imperador – e viajou
 com ele ao Oriente, tendo morrido antes de completar
 quarenta anos, numa pequena vila no sopé do monte Taurus,
 batizada de Faustinópolis em honra da Imperatriz e amante
 do usurpador Avidio Cássio, segundo a boataria capitolina),
 minha prima dona, minha irmã, minha amante, minha deusa
 de terracota partida longe de todos os montes
 de cacos de cerâmica dedicados ao Minotauro
 enlouquecido no labirinto da falta
 da Vaca de Tetas Sagradas,
 Grande-Mãe cujo leite é a linfa do orvalho
 igual sobre orquídeas negras e flores do campo!,
 Anna de maio que ainda me toca quando a chuva
 não apaga a lembrança do dedo sobre a lágrima de sal.

68 |

Vi uma foto em que ela chora:
 o papel está molhado da umidade de dor,
 saliva e sêmen misturados com a água
 primordial, a imagem da moeda cunhada
 na alma amaldiçoada:
 “nem Messalina!” (Valéria, a terceira esposa de Cláudio,
 mãe de Britânico e Otávia),
 o rumor era esse
 nós sabíamos
 uma exclamação abafada.

| 69

Vi uma foto em que Ânia Galeria Faustina Messalina
 estira a linda língua pequenina na boca tão receptiva
 para aumentar a saudade da carícia mais íntima
 cuja dor percute no poema obsceno da criança
 amamentando a demetéria loba a sugar
 o que saiu do seu ventre mordente
 na sala de estar, no banheiro quente,
 no quarto deixado conforme estava
 após as pegadas do banho antes

do raio da tempestade,
a cólera do Deus parecendo tão fraca
que o leite não talhou no curral,
mel e seda deram a última volta
ao desejo de pele de harpa pagã.

Não poderia haver arrependimento
do amor restabelecendo o elo
do cordão guardado entre cânfora e mirra.

Os mortos pedem que eu finja não vê-los.
São brancos – ou estão pálidos como as velas
dos barcos na tarde.

Gostaria que dessem notícias do seu vestido leve,
onde quer que ela pise sobre a relva,
nos parques celestes.

Tento escrever um poema sobre sua leveza,
captar a volta floral do tecido em torno
das meias que ela havia trocado no mercado negro:
por cinco potes de compotas de amora
sem acidez nenhuma,
um prodígio das mãos vindo em benefício
das pernas refratárias
e a pisar sem artifício no mosaico de versos

feitos de lugares-comuns escritos no dorso
das "almas que vão no vento",
entre as fragárias e as framboesas.

Um poema que junte os guardas-sóis estalados,
as gaivotas à espera do lixo do mar no momento
em que ela veste a túnica do uniforme
que usei na guerra (ela tremendo),
quando da última crise,
naquele extremo, em Vladivostok.
Ali a minha amada se recusou a deitar-se
de novo comigo porque os anos
não podiam recuperar o brilho
e há prazos e extinções
cancelamentos e síncope
"sumiço do verde dos azulejos seldjúcidas das mesquitas"
– suas anotações, suas alucinações, seus poemas
cada vez mais religiosos pela mão
de uma pagã da treva (que ela era
cada vez menos),
tudo que foi sumindo,
perdendo a rutilância
de ladrilho vidrado à medida do acender
de velas onde antes havia o incêndio
do desejo, o meu desejo
(maior do que o dela, no final),
sendo o que éramos,
quando Anna rejeitava as circunstâncias
com o poder das feras, das leas e das quimeras

descidas nas sextas-feiras,
 o longínquo traço de sangue da estrela
 entre as raças do incesto, o pudor tardio
 fugindo dos meus dedos,
 escapando do meu sexo até o dia
 de lhe inspirarem horror
 as minhas exigências do tempo feliz
 de outro século, da dourada década
 do amor a portas fechadas,
 dentro da casa de fantasmas acesos:
 Volódia, Nikolai, Elena...

72 | A casa ficou só. Ela reformou aqueles versos:
 "Esta mulher está só"
 virou
 "Esta mulher está no fim".
 E acrescentou:
 "A minha vida foi uma roda de enganos.
 Marido, filho, amante na prisão dos anos
 que tornam irreal o passado rolado
 sobre os tantos hojes imóveis".

Vi uma foto de Anna Akhmátova...
 e não uma prova de que o céu a perdoou.

Vi essa foto, e não a evidência
 do céu ter esquecido quaisquer
 das nossas noites de outros tempos.

Só eu não esqueço,
 quando chega a noite entre as bétulas,
 na hora que leva as luzes da rua
 além da janela,
 em feriados quase dissolvidos pela febre.

Viaja-se para trás no tempo, entre espaços anulados:
 não existe mais o hotel Santorin, a pousada Tiberíade
 (sem o "s"), o jardim da esplanada de Praga,
 as malas que ela levou para os mendigos sedentários da
 Bolchaia,

perdido o esplendor da rua e até o sentido dos versos
que ficaram na casa vazia,
na espécie de escrita cuneiforme
daqueles segredos que "não são para se contar".

Vi uma foto de Anna Akhmátova
e não a esqueço.
É só isso?
Um poema-clichê de sofrimentos
de poetas perseguidos?

E o que é o sofrimento do homem
e do rato, do animal condenado
a vinte anos de trabalhos forçados
e do animal com a pata presa
na ratoeira das pequenas vítimas
de olhinhos brilhantes na fome punida
com o dilaceramento?

Delicadamente erga a grade de ferro
e a barra que pesa sobre o animal triste,
a cumprir o papel de roedor na natureza
como o poeta cumpre
com os ditames da beleza na consciência.
Houve acusação formal, julgamento?
Alguém me perguntou se eu não preferia,
por acaso, seguir alimentando o folgazão,

ao ver a criaturinha torturada até o nascer da manhã,
perto de um fragmento de queijo?

Façamos o jogo dos sete erros ao contrário:
eu digo onde vocês erram.
Façamos de conta que o ratinho sobreviveu
e que todos os prisioneiros sem luz, sem pão,
sem cama e sem sentença
marcham por campos de feno celestes,
deitam-se no trigo e comem sementes
de girassol, pastéis e panquecas.
O mundo é um suave declive de gentilezas,
mulheres não apanham após cozinhar bolos
e crianças – pequenos ratos assustados –
também sobrevivem às ratoeiras das casas soturnas,
dos abrigos de órfãos e das pensões
onde a avó de Anna não tinha uma cama,
na infância, mas dormia naquela que restasse
desocupada do último hóspede ansiosamente
esperado pela bisavó da menininha exausta.

Avozinhas mortas, perdoem que tudo
tenha vindo tão tarde!
Ratinhos que penetraram na casa,
desculpem os criados que armaram
as fatais ratoeiras,
porque os pobres não estão acostumados
com a compaixão difícil de aliviar suas dívidas,

seus fardos e suas canseiras de aldeãos capazes
de apreciar a dança da armadilha,
caso a música não fosse para eles?

Para quem é a música?
Qual prato monogramado pode se acercar,
para colher a melhor fatia do ainda quente
bolo de nozes de antigamente?

Os camponeses dançam nas festas compreensivas
que são as deles,
dançam e cantam canções da colheita,
do grão fermentando na barriga da terra e das mulheres,
o mundo parece um arrastar de tamancos pesados
aligeirado pelos rios das messes, de janeiro a janeiro.

O mundo podia ser feliz – enquanto amanhece.

Há uma esperança no ar frio, uma palavra de calor
vestida de sol tímido,
criança de ouro a reencontrar o caminho
da aldeia onde tudo é igual
("ainda que vivas outra vida, não há saída"):
os pais dormindo, o retorno de ombros caídos
após a festa das safras confiscadas
para compensar a balança de pagamentos.

Contudo, algo acontece, a criança se perde
daquele forma secreta de uma criança se perder,
sem que ninguém a perceba,
na laguna atrás do espelho,
entre os caniços das cobertas
nos dias de doenças normais na infância
anormal por um fio de perfume aspirado
de uma meia de seda,
uma atração pelo quarto principal
da casa senhorial no campo
com a aldeia recuada para trás
dos seus mortos sem cemitério.

Ela me contava sobre a procissão deles,
sem chamá-los de mortos, delicadamente
– quando a febre precisava de um conto lento
para desaparecer na noite dos sonos inquietos.
O menino doente então se acalmava,
pelo efeito da voz cantando para adormecer
a floresta vestida com seu vestido de noite
tocado pelo vento vindo de arrebatat
as saias das pesadas camponesas
tornadas leves na roda de danças
do fim da colheita,
no final dos verões de madrugadas
sublinhadas pelo fio de prata
da Lua iluminando os córregos e os carreiros
dos cocheiros de piadas licenciosas
e apostas sobre as prendas de mastro em mastro

ornados de fitas entre postes do telégrafo
e totens do progresso fincados nos rincões
alcançados pela estrada de cimento
e, depois, pelas antenas de transmissão
das imagens de balé folclórico no lugar
da dança verdadeira, morta há muitas eras.

Poesia coletiva, danças escolares, luares
de tungstênio e teses e filmes educativos
do cinema estatal imposto aos mestres
afinal mandados de volta para casas
vigiladas, escutadas, puladas
pelos carteiros da correspondência
censurada não só nos anos de guerra,
mas depois, principalmente depois,
no confino das quatro paredes
e dos travesseiros de sonho
dos filmes livres da aprovação
por comissários analfabetos.
Ela me contou sobre tudo isso, mais tarde,
formou a minha consciência,
foi suave e boa mestra,
ensinou com os gestos da mão
delicada, perfumada, adejante
como uma borboleta
sobre a minha cabeça.

Se eu errei ao nascer,
ela errou ao dar a luz.

Se eu estou ainda aqui,
ela não está mais.

Você já percebeu?
Compreende o que aconteceu?
E concorda, aceita que eu lamente
o lamento do que "não deveria ter acontecido"
tanto quanto o incêndio de Joana queimando
no poste do corpo sem mancha,
a fumaça chegando até o Deus alérgico,
sem milagres, a favor da França
e apenas tossindo menos forte
quando isso pode apagar
o resto da fogueira?...

Todos tossiam e sofriam dos pulmões,
naquela época apagada no fundo da foto
de Anna Akhmátova.
Imitar Deus não era tão bom quanto imitar
Josif Vissarionovich Dzhugashvili,
menino do interior da Geórgia cujo apelido era Koba,
o futuro "Pai dos Povos" e também assassino
em grande escala, como Hiedler, dito Hitler
por um erro de escrivão preparando a história,
sem o saber, para atravessar a mais dura prova.

Estão ouvindo os violinos de novo?
São prisioneiros libertados de um campo

onde quatro instrumentos foram encontrados
na intendência organizada com todo o zelo
em pleno caos do inferno oleoso de gente
transformada em fumaça e sabão.
E se comemora a união do amante de 40 quilos
com a amante de 34, enquanto a vida prossegue,
todos copulam (alguma vez pararam?)
e se preparam para os sofrimentos
da geração seguinte.

A vida voltou a ser quase boa
para os sobreviventes de Dachau,
Berger-Belsen e Auschwitz.

80 |

Não posso julgar nenhuma das suas alegrias autênticas.
Não posso medir o tamanho das tristezas de antes
das segundas-feiras, quando ainda não morreu
o Domingo por completo,
e é preciso reunir coragem para os recomeços.
Outro virá (às vezes, é bom ser sobrevivente)
e mais outro, os domingos pontuais do tempo,
desde a época das catacumbas de moças pias,
a barra do vestido de algodão descida
até o meio da perna manchada
de esperma dos centuriões pagãos...

Hagiologia e lenda, cristãs e cristãos
ansiosos por leões:

um espetáculo para frustrar qualquer Diocleciano
a balançar a coroada cabeça de velho
que gosta de ver carne dilacerada por feras.
É a hora de algum legionário convertido
livrar Roma das perversões tiberianas
na ilha de encantos azuis despenhando-se
das pedras diretamente para o cansaço
do Mar Mediterrâneo do futuro turístico
de cartões postais de Rapallo e outras jóias
da costa amalfitana onde nos amamos.

Então, quando um imperador assim se dobra,
ferido de morte, o seu olhar agradecidamente
se levanta para o agressor que liberta o deus
do convívio com senadores e mulheres de senadores,
mães, esposas, príncipes herdeiros bárbaros,
cortesãos e generais enviados para trazerem riquezas
mesmo do fundo do Sudão pobre como o Rabi
cuja influência irá decretar, mais tarde ou mais cedo,
a morte do Império (ou a sua mudança de maçã
partida em duas partes igualmente podres).

| 81

Faustina sabia do que estamos falando com timidez
que não permite dizer tudo:
a falta que faz, o nome do que praticamos contra
o berço e o túmulo,
no medo do após a morte lamentando
"o que não deveria ter acontecido".

Quando Anna começou a usar
o verbo assim corroendo
o que antes fora belo,
triste e selvagem (um passo de afronta
envolto em delicadeza),
e havia sido lícito para nós;
quando tudo foi sendo minado
no cerne da carne que se permite
um instante de incerteza,
uma quebra da quebra da interdição
posta de lado como se abandona
um pente sobre uma penteadeira;
quando isso se anunciou
na forma do pretérito,
na hesitação tardia demais,
eu me desesperei contra ela,
não podia suportar a agulha no fogo,
o gelo na cama, a mudança do tanto
que já havia mudado no nosso amor
desviado para mais do que "sensualidade",
"luxúria", "emoções sem freio",
suas palavras contaminadas do veto,
desconfiadas da nossa conjunção
condenada do modo mais severo,
enquanto tudo era leve na forma
de voltarmos a ser árvore e fruto
das noites geladas de dezembro.

Oh, é verdade, eu fui grosseiro,
fogososo, feio quando a forcei

na última vez, era tarde
e não era para ser assim,
não essa a lembrança,
nada do olhar de uma mulher
que se ofende,
após luas de maio e sol de esplendor negro,
interdito, proibido pela inveja do deus
que por fim nos separou,
carne da própria carne
que deveria se separar
para garantir o quê?
A pureza desumana de Gea Genetrix?

Isto é uma pergunta que não se lamenta.

Ah, não é forçoso perdoar –
quando ninguém puder compreender,
Mãe Viva da Natureza,
Tellus diante de um espelho
de envelhecimento na roda do destino
dos mortais proibidos de copularem
com os pais gerados pelos deuses.

Fui enterrado na tumba das conveniências,
no sarcófago das rezas, no túmulo das relações
perigosas para o sangue (que ela ainda deitava),
estive nele, sei do seu gosto duas vezes,

quero sair do esquife de pórfiro vermelho
 para encontrar o Rosto das Águas,
 Chalchiuitlicue (a deusa da Anágua de Jade)
 Sedna dos mares da cama de ferro afogada
 na linfa de Beltis, Ártemis, Hécate, Epona,
 Ísis, Circe, Leto, Dictina, Britomartis...

Eu não podia florescer nem existir sem ti,
 Primeira e Única!
 Não pode haver felicidade longe
 daquela que ao mesmo tempo honram e desprezam,
 a bem funda Madre de Tudo,
 A de Mais Idade entre todos os seres,
 a nutrir todos quantos habitem o mundo
 e toda e qualquer folha que cresça sobre a terra,
 assim como a mínima criatura dos caminhos do mar,
 Semente e Excedente,
 Rainha que abarca o universo
 e oferece o regaço para desfrute do herdeiro,
 o príncipe sem descanso até se juntar a ti no leito
 entre as belas estrelas da Ursa vaga
 como a Lua do inverno.

Eu já estou morto e este poema é a minha alma
 profana vagando em busca da amada Mãe
 amante de todas as Rússias que em todos os lugares
 caminham para o esquecimento nos verdes túmulos
 que há muito deixaram de ser verdes.

como verdes eram as aves
 pelas quais pergunta o poema:

*Todos os pássaros cujo piar nublado
 eu escutei nascendo na dobra
 de uma manhã do passado,
 estarão mortos?*

Fernando Monteiro

Obras do autor

MEMÓRIA DO MAR SUBLEVADO (poema longo), Editora Universitária, UFPE, 1973.

O REI PÓSTUMO (teatro), Editora Universitária, UFPE, 1974. Prêmio Othon Bezerra de Mello de Academia Pernambucana de Letras.

LEILÃO SEM PENA (poema e roteiro cinematográfico), Edições Pirata, 1980. Prêmio de Melhor Roteiro no Festival Nacional de Cinema de Aracaju.

ECOMÉTRICA (poesia), Massao Ohno Editor (SP), 1983. Prêmio Nacional de Poesia UBE/Rio.

HILÉIADE (poema longo), Editorial dos Reis, Portugal; A INTERROGAÇÃO DOS DIAS (poesia), Edições ENCONTRO, Gabinete Português de Leitura (PE), 1984.

AKHENATON: ASCESE & REVOLUÇÃO (ensaio), Editora Expressão - SP, e BRENNAND (ensaio), Editora Spala (RJ), 1987, Prêmio FUNARTE DE MELHOR LIVRO DE ARTE BRASILEIRO.

ASPADES, ETS ETC (romance), Campo das Letras Editores, Porto, Portugal, 1997.

A CABEÇA NO FUNDO DO ENTULHO (romance), Editora Record (RJ), 1999. Prêmio Revista BRAVO! de Literatura.

T. E. LAWRENCE: MORTE NUM ANO DE SOMBRA (ensaio). Editora Record (RJ), 2000.

A MÚMIA DO ROSTO DOURADO DO RIO DE JANEIRO (romance), Editora Globo (SP), 2001.

O GRAU GRAUMANN (romance), Editora Globo, 2002. Primeiro volume da Trilogia Graumann.

ARMADA AMÉRICA (contos), W11 Editores (SP), 2003. Finalista do Prêmio Portugal TELECOM de Literatura/2004.

AS CONFISSÕES DE LÚCIO (romance), Editora Francis (SP), 2006. Segundo volume da Trilogia Graumann.

O NOME DE UM HAMSTER (infanto-juvenil), Edições Bagaço (Recife), 2008.

Este livro foi impresso pela, Editora CEPE
em papel Polen Soft 90g e composto
na fonte ATRotisSansSerif corpo 11/16, para a
Fundação de Cultura Cidade do Recife, em agosto de 2009